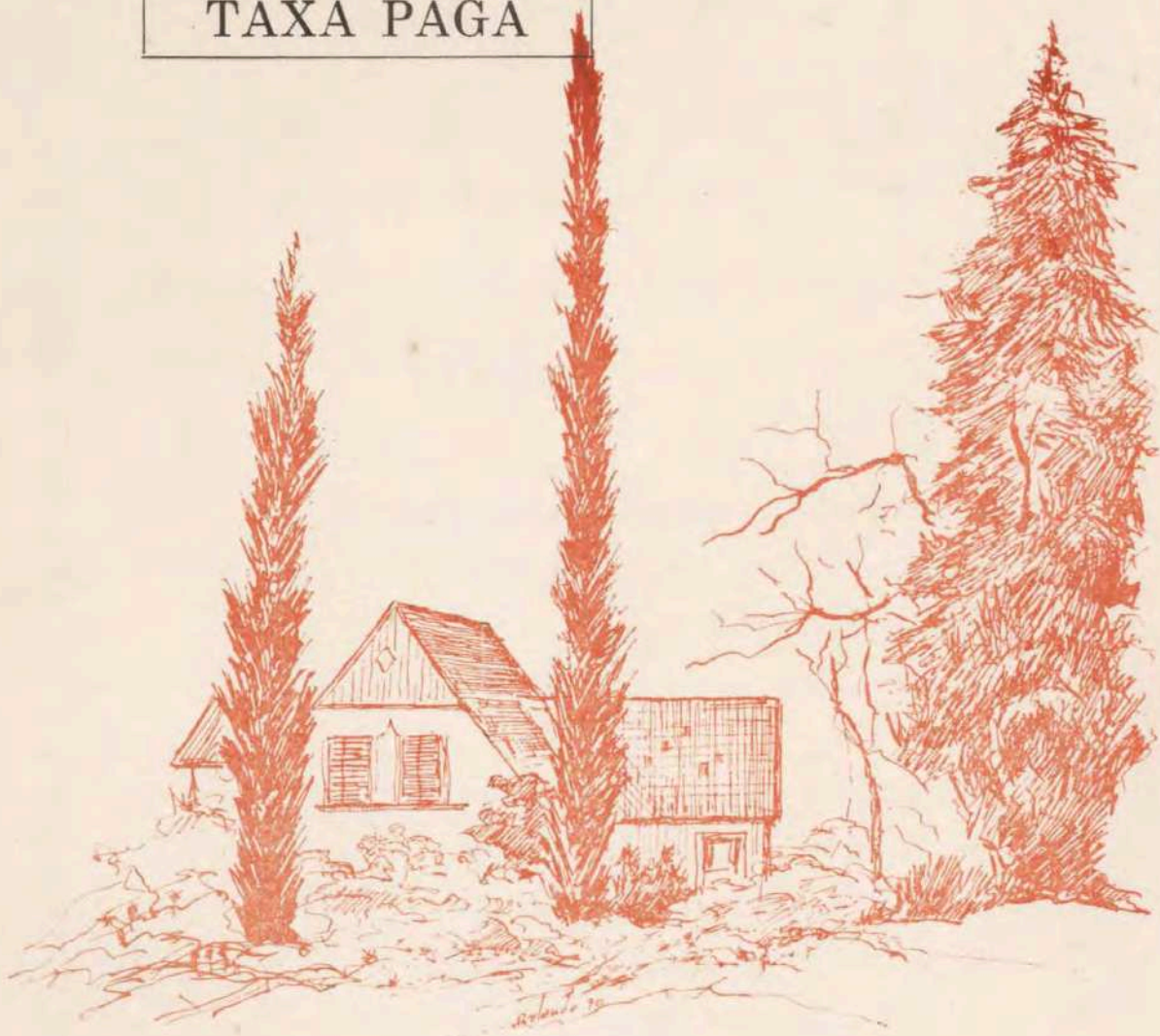


TAXA PAGA



Blumenau

em cadernos

TOMO XII ★ AGÔSTO DE 1971 ★ Nº. 8

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças
à generosa contribuição dos seguintes
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Eletro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Blumenau

em Ladernos

TOMO XII

Agosto 1971

Nº. 8

Propostas do Dr. Blumenau submetidas
ao Govêrno Imperial

CARLOS FICKER

Um documento inédito sôbre a imigração e colonização, em 1870.

Quem se der ao trabalho de vasculhar nos arquivos da história de Blumenau, encontrará, além dos "Relatórios", nos quais o Dr. Blumenau presta minuciosa conta de sua administração ao sr. Presidente da Província, documentos de 10, 15 e até 20 páginas escritas a mão em forma de "Propostas" ao Govêrno Provincial e Imperial com apreciações de fatos e episódios intimamente ligados à imigração e colonização, no Brasil.

A 11 de junho de 1870, escreveu o Dr. Blumenau um vasto documento, que não podemos deixar de transcrever na íntegra, pelos dados preciosos que nos fornece; sôbre falhas administrativas e dificuldades burocráticas que praticamente impediram a direção da Colônia, apesar do seu entusias-

mo e da sua inabalável convicção de que Blumenau se tornaria um grande centro imigratório para colonos europeus.

As providências que solicitava dos poderes públicos, as lutas que travou para vencer as inúmeras dificuldades, excedendo-se em explicações que tornavam as propostas de certo modo fastidiosas, só resultaram da soma de responsabilidades que recaíam sôbre os seus ombros e com o propósito evidente de evitar um fracasso da obra a que ligara a sua vida.

A população, em 1870, foi de 6000 almas e grande demais em relação à deficiência de meios com que contava o Diretor da Colônia. Os apertos de numerário para as despesas mais simples, para o pagamento de compromissos assumidos com colonos, cons-

trução de estradas e caminhos etc., punham o Dr. Blumenau em verdadeiro estado de desespero. Não sabendo como arranjar elementos para enfrentar os compromissos da direção da Colônia, dirigiu-se, em fevereiro de 1870, pessoalmente de Blumenau para Itajaí, enviando o seguinte telegrama ao Presidente da Província, Dr. André Cordeiro de Araujo Lima: "Sahido da colonia doente de aflicção e desgostos e os últimos apuros, conjuro a V. Excia. acudir-me com fundos para satisfazer as mais urgentes necessidades visto numerosos colonos estarem na ultima miséria. Espero aqui resposta telegraphica."

Essa circunstância, acrescida de várias outras complicaram seriamente o estado de saúde do Dr. Blumenau em 1870. Perdeu-se, em fevereiro, toda a correspondência enviada ao Destêro por estafeta. O seu orçamento, para o ano 1870 e apresentado ao Ministério de Agricultura, foi recusado. Em abril o nôvo Vigário da Colônia, Padre Roemer, reclama urgentemente numerário para reformar a capela, ... "visto que a chuva penetra pela cumieira e o vento apaga as velas .." Por ocasião das explorações do Rio Itajaí pelo engenheiro Odebrecht, em junho do mesmo ano, não havia dinheiro em caixa para aquisição dos mantimentos necessários. Em julho, a Câmara Municipal de Itajaí, recusa-se terminantemente de contribuir com certa importância para a conservação da estrada que ligava Blumenau a aquela cidade. Em officio, a Câmara comunica, que ... "nada ter que vêr com as estradas de Blumenau". Em agosto, o Dr. Blumenau teve de pedir desculpas, em officio, ao Presidente da Província,

pelos tumultos havidos por ocasião da sua visita à Colônia Blumenau, alertando, ao mesmo tempo, contra uma: "revolta aberta motivada por falta de dinheiro na colônia"... No mesmo mês de agosto, os indigenas continuavam as suas correrias pelas imediações afugentando os colonos. E, finalmente, em outubro de 1870, um forte temporal... "com terrível chuva durante dias, em que subiu o Rio Itajaí a grande altura".. provocava enchentes do Itajaí e criava problemas e preocupações para a administração da Colônia Blumenau.

Essas circunstâncias, acrescidas de outras de ordem financeira e moral, vêm esclarecendo as razões das "Propostas" dirigidas ao Governo Imperial através da Presidência da Província, em 11 de Junho de 1870. Transcrevemos as observações do Dr. Blumenau conservando a pitoresca redação que é um atestado a mais da honestidade do seu autor na mais severa acepção da palavra.

Segue a transcrição do documento:

Breves observações sobre as dificuldades com que no Brasil lucha a immigração e colonisação e que em primeiro lugar parecem impedir seu desenvolvimento e satisfactorio progresso.

Entre os obstaculos que até agora impediram ou gravemente difficultaram o satisfactorio desenvolvimento da immigração e colonisação se deve contar, em primeiro lugar, a falta de systema e boa organização de um, e a falta de providencia e constancia do outro lado, ambas incompativeis com qualquer empreza industrial, agricultural, mineira, etcetera, e assim tambem com a immigração

e colonização nas suas differentes ramificações.

Ha tido nestes negocios no Brazil muitos experimentos, ensaios e expedientes, mas nunca uma organização completa em que, como em qualquer bom machinismo, cada roda tem seu lugar e seu serviço e nem uma pode ser omittida ou mal conservada sob pena de prejudicar e até inutilisar a machina inteira.

Não faltaram e faltam regulamentos, avisos regulamentares e instrucções, mas sendo uns compostos ou preparados exclusivamente no gabinete, evidenciam-se logo maior ou menor parte das suas determinações como inexcequível na practica dos sertões, entretanto que outros, appropriados ás circumstancias, mais tarde ficaram atravessados por novas ordens que, alterando partes essenciaes, não raras vezes damnificaram na raiz o systema inteiro até então seguido, e trazendo comsigo a desorganização e irregularidade, tambem prejudicaram e ás vezes em breves mezes totalmente estragaram grande parte das seáras plantadas desde annos com grande despezas e prestes de darem suas fructas.

Entretanto que n'umas épocas se desenvolveo com animo grande e ás vezes quasi impetuosa actividade, que nem sempre foi acompanhada da indispensavel previdencia e assim não deo os resultados correspondentes, em outras épocas de repente foi seguida de quasi completa desanimação e inactividade, que destruiu a continuidade indispensavel para um pleno successo, e fez perder muito trabalho e despeza, que de novo se tiveram para fazer, quando n'uma época seguinte se tornou

á fomentar a imigração e colonização.

Faltando assim a continuidade e constancia, a coherencia e systema, e tendo-se dado interrupção de importancia, em que tudo foi posto em questão e desorganizado, óra a totalidade, óra grande parte daquillo que já foi creado e prestou uteis serviços, antes se pôde admirar, que os resultados não foram ainda mais desfavoraveis do que realmente em muitas partes eram e são; pode-se absolutamente affirmar, que qualquer empresa particular, de qualquer natureza que fosse, em breve tempo teria succumbido a tão grandes e variadas adversidades, sendo em todas as cousas o primeiro elemento da vida e prosperidade, além de um bom e adequado systema, a regularidade, bõa ordem e continuidade na observancia e execução do mesmo.

Quanto a imigração por si, estou da firme convicção de que o Imperio ainda por muitos annos e talvez decennios não ha de conseguir o affluxo regular e constante de immigrants, realmente uteis para o paiz e que, não se accumulando nos grandes centros de população já existentes, se que-rem dedicar sobretudo á agricultura e industria rural, senão fazendo ainda por uma serie de annos sacrificios pecuniarios com a tendencia de facilitar a passagem para o Brazil, e pagando a differença da mesma em comparação com os Estados Unidos.

Tendo eu tido a fortuna de, nos poucos annos da minha commissão na Allemanha já consideravelmente reduzir esta despeza com cada pessoa, estou convencido de que, se se tivesse continuado com este systema e sua exce-

cução sido confiada á pessoas habéis, zelosas e rectas, esta despeza pouco á pouco e sempre mais podia ser e se teria diminuido, em dous, quando muito, em trez lustros o Brasil teria conseguido uma immigração **realmente espontanea**, util e constante, e ao mesmo tempo muito consideravel em numero, supposto naturalmente, que esta medida fosse acompanhada, no proprio Brasil, de medidas não só adequadas, mas sobre tudo bem e **systematicamente** executadas.

Hoje, tendo com violencia sido rompidos quasi todos os laços, pelo menos na Allemanha, o negocio tem de novo suas graves difficuldades e quasi tudo se deve principiar de novo, resultando d'ahi também maior despezas.

Não estando o Brasil nas mesmas circumstancias, como os Estados Unidos e mesmo os Argentinos, por óra ainda não poderá, á meu ver, prescindir d'este expediente na Europa e de outros accessorios no seu proprio solo, para se garantir, no futuro, uma constante, util e consideravel immigração; e quanto mais que o Governo Imperial procrastinar e lançar **vigorosamente** mão destas medidas, tanto mais difficil e dispendiosa se tornará a tarefa, assim como já actualmente é muito difficil e dispendiosa, do que ha quinze ou vinte anos.

O Brasil muito está prejudicado pelo **escravidão** e enquanto ella subsistir, será sempre a pedra d'escandalo para a maior parte dos immigrantes, e ao mesmo tempo o facil e muitissimas vezes effcaz espantallo de que os adversarios e concurrentes do Brasil na arena da immigração sempre se servem para desacre-

ditar-o e dela conservar afastados os immigrantes. "Sereis miseròs escravo brancos entre os pretos" esse dicto foi e será sempre effcaz em milhares de casos e só pode ser combatido pelo emprego de muita actividade, constante correspondencia por parte dos colonos estabelecidos no Brasil e contentes da sua sorte e outros expedientes. Nos Estados Unidos há maxima facilidade, para o immigrante em brevissimo tempo, a muito modico preço e sem consideraveis despezas adquirir como propriedade um apropriado terreno, para n'elle estabelecer-se e dedicar-se á lavoura ou qualquer outra industria, **inclusive a mineira**, seja de ouro, cobre, chumbo etc., sempre para este ultimo fim careça de maiores formalidades e dispendios, podendo ele acabar com todo, á este respeito necessario em poucos dias e em distancia de seu lote, que raras vezes excede de dez legoas.

Numerosas companhias de caminhos de ferro que dispõe de centenas de legoas quadradas de campos e planicies com pequenos matos entre semeados, da melhor qualidade e fertilidade, e que **imediatamente** podem ser lavrados com o arado, e outras sociedades e companhias colonisadoras facilitam ainda ao imigrante não só esta tarefa, como ainda o transporte do porto para a localidade escolhida.

Finalmente existe o "Homes-tead-bill", em conformidade de que qualquer immigrante que declarou querer ser cidadão, immediatamente e gratuitamente pode tomar posse de um lote de terras para uma modica e não interrompida serie de anos for habitado e cultivado.

Sendo, além disto, o terreno geralmente plano ou ligeiramente ondulado, e não existindo em dezenas e milhares de legoas quadradas, matas densas e extensas, a construcção e conservação dos caminhos e assim o transporte de generos é sobre maneira facilitado, nem se contando com os muito rios navegaveis; e ainda ha caminhos de ferro em toda a parte e fazem-se sempre novos, subvencionados pelo Estado por largas concessões de terras e outros favores, para o centro dos desertos ou sertões só com o fim de attrahir para lá uma numerosa immigração.

Por tudo isto o duro principio é muitissimo facilitado ao immigrante, sobre tudo ao indigente, que além disto, sendo o clima, o solo e a maneira de lavral-o, os productos do mesmo e o modo de tratá-los muito analogos aos da sua antiga patria, não tem portanto necessidade de mudar de costumes, e não necessita de uma nova e nem sempre facil e agradável aprendizagem.

Nos Estados do Rio da Prata, na Australia do Sul etc, pelo menos as circunstancias do clima, da conformação do solo, da locomoção e do transporte dos generos, do modo da cultura e industria rural, são analogos e a aquisição de um lote adequado também em muitas partes muito facilitado, fazendo desde algum tempo sobre tudo o Governo da Confederação Argentina grandes esforços, para attrahir a immigração européa, e sendo estes corações do melhor successo.

No Brasil a maior parte de todas estas circunstancias é totalmente differente e assim o experimentado e em si coherente o-

bservador tira a logica e racional conclusão de que também o systema da immigração a colonisação a seguir, não **pode** ser o mesmo como n' aquelles Estados, devendo do contrario adaptar-se ás circunstancias existentes e dadas. Com exepção de uma parte dos campos, sito nas 3 ou 4 provincias mais meridionaes do Imperio, não existem terrenos, que se prestem ao genero de productos e modo de cultura, á que os immigrantes são acostumados, devendo estes portanto passar por uma nova aprendizagem; e estes campos, em geral muito remotos dos mercados não pertencem ao Estado e sim aos proprietários particulares, que raras vezes estão dispostos partilha-los em pequenos lotes e pedem alto preço, se forem daquella superior qualidade, que é necessaria para a agricultura.

As terras do Estado disponiveis em geral são montanhosas e cobertas de densos mattos, o que pelo menos no principio impede toda a agrucultura racinal com o arado; além disto são de tão difficil acesso que é quasi impossivel do immigrante chegar ás mesmas e habital-as e cultiva-l-as, se o Estado não abrir estradas e caminhos para este fim; ou, quando forem de mais facil acesso, por meio de rios navegaveis, o clima e as febres muitas vezes impossibilitam ou pelo menos difficultam o estabelecimento e progresso das colonias e da colonisação européa.

Afora das colonias, a aquisição de um pequeno lote de terra do Estado é cousa difficil, morosa e proporcionalmente mui dispendiosa, bem que o preço de terra em si seja bem modico; e e assim se torna quasi ou totalmente impossivel para o immi-

grante de pouca ou nenhuma fortuna.

Em consequencia destas e mais algumas outras circunstancias, e alem disto pelas experiencias já adqueridas, é plenamente justificado o parecer de que o systema e os meios simples, e empregados nos Estado Unidos com o mais feliz exito, não hão de produzir no Brasil resultado algum analogo, e que portanto devem ser empregados outros e mais efficazes para conseguil-o.

Passando á propria colonisação, restrinjo-me, tendo emmittido minhas oppiniões á seu respeito extensamente em muitas occasiões e ainda ultimamente no meu relatorio do ano proximo passado e em differentes e recentes officios, dirigidos á Presidencia, á poucos apontamentos, reservando-me á apresentar em breve como espero, um trabalho mais aprofundado sobre os mais importantes ramos desta vasta e difficil materia.

Quanto ás poucas colonias ainda existentes, parece-me que a suppressão ou o abandono das mesmas, ou pelo menos daquellas que exerceram e exercem força attractiva sobre a immigração, achando-se ao mesmo tempo em via de engrandecimento, prosperidade e progresso, e emfim na visinhança de ainda extensas terras devolutas, ha de também equivaler ao completo abandono e suppressão de toda a immigração e colonisação, em caso que as colonias e suas directorias não forem antecipadamente ou no mesmo momento substituidas por outras e adequadas instituções.

A "emancipação" sem condição e transição havia constituir para todas a estagnação mais ou

menos prolongada, e para algumas o completo estrago, estragando-se ao mesmo tempo o fructo de muito trabalho empregado e despeza feita.

Como é totalmente impossivel á um pobre immigrante, e até Brasileiro, fazer requerimentos á Presidencia, esperar por mezes inteiros pelo despacho, que se funda nas informações das Camaras Municipaes, fazer viagens á Capital, procurar e pagar um agrimensor, e finalmente abrir-se um longo caminho pelo sertão e munil-o com pontes etc., seria no caso de emancipação das colonias, de absoluta necessidade, cuidar em que pelo menos em cada um dos municipiõs, a que se dirige a immigração, existam appropriadas autoridades, que com zelo e actividade cuidem no proprio lugar da medição e venda dos lotes e da abertura dos caminhos e outras analogas necessidades. Mas confiar ás Camaras Municipais, na sua actual organisação, estes serviços, seria desde logo estragar e perder tudo no germen, não satisfazendo as mesmas, nos mais dos casos, nem á conservação das estradas, abertas ás custas do Estado ou Provincia, nem ás exigencias da boa ordem nos seus demais negocios.

Sem facilidade na aquisição de pequenos ou adequados lotes e sem pontes, caminhos etc, não pôde subsistir e progredir a immigração e colonisação europeá e até nem a colonisação, que imprprioamente se chama nacional.

E uma vã esperança de que companhias ou individuos estrangeiros ou nacionaes, d'ora em diante se encarregem da colonisação em maior escala e assim sensivelmente promovem a immi-

gração, todas e todos, que ainda a emprehenderam, sofreram maiores ou menores perdas, e se a Companhia de Hamburgo ainda não se dissolvêo, a causa é que a Directoria em Hamburgo, composta de homens muito opulentos, põe seu orgulho em não abandonar sua empreza; mas dividendos ainda não distribuiu!

A colonisação no Brasil não é, nem pode ser negocio ou empreza de particulares e sim pertence ao Estado proprio; e por não se poder ou querer se reconhecer isto, deram-se tantas e tão grandes decepções e prejuizos! O actual systema da colonisação e da administração das colonias carece urgentemente de uma profunda reforma: actualmente já não se pode dizer que existe systema, e sim é um conglomerado, incoherente em si, de regulamentos, ordens e expedientes, que é difficil conservar na memoria, e mais difficil ainda e ás vezes impossivel executar com acerto e proficuidade para o fim desejado.

O maior obstaculo de uma boa gerencia dos negocios e serviços das colonias é a falta de continuidade e regularidade, não sabendo o Director com antecedencia quanto pode e como o deve despende no exercicio e ás vezes nem no trimestre — como pode assim fazer acertadas disposições e convenientemente distribuir os fundos e serviços, executando cada um destes ultimos na mais conveniente estação do ano e fomentando-os n'aquellas, em que os colonos estão menos occupados com sua lavoura!!?!

Lembro aqui somente a urgente necessidade de derribar e preparar na estação secca e fria do ano as madeiras para as cons-

truções, sobre tudo das pontes, do ano inteiro; de adiantar na mesma estação em que os rios e ribeirões são mais baixos, a construcção das pontes, as medições e demarcações, as explorações de terras, de rios, do traço dos caminhos e outros analogos serviços que, não executados na conveniente estação, se tornam mais dispendiosos, e muitas vezes menos perfectos.

Outro gravissimo mal é a irregularidade e incertesa dos pagamentos dos fundos aos directores ou credores nas colonias; prejudica e difficulta todos os serviços de extraordinaria maneira e torna mais dispendiosa não poucos, absorvendo-se em consequencia muito tempo e pena, que melhor podiam e deveriam ser empregados.

Que fique processado e severamente punido o prevaricador! que fique demittido o incapaz, desleixado ou falta de zelo; - mas crear aos Directores e á boa gerencia dos negocios difficuldade e empecilhos, á que não deram motivo, e logo attribuir áquelles as logicas consequencias, não é nem justo e equitativo, nem racional

O Regulamento das Colonia do Estado de 19/1/1867, incompleto, como é, e contendo diferentes determinações actualmente menos appropriadas, deveria com urgencia ser reformado; tendo-se exigido aos directores das colonias e outras pessoas informações á este respeito, que por esta directoria foram prestadas em 1º de Dezembro de 1868, ha de existir na Secretaria d'Estado d'Agricultura bastante material para este fim e havia de, á meu ver, ser conveniente convocar

uma comissão composta de juriconsultos, engenheiros experimentados e homens praticamente versados na imigração, para elaborar sobre esta base novas determinações.

Entre as reformas e modificações á meu ver mais convenientes e urgentemente reclamadas, indico sobre tudo as seguintes: Ade art. 8º - As derrubadas e casas provisórias serão supprimidas, devendo sempre ser feitas pelos proprios colonos e imigrantes.

Ade art.º 29 - O sustento dos primeiros dez dias d'estado na colonia, por adiantamento não será concedido senão aos indigentes, que não possuirem meios alguns; e quando for concedido, será pago em dinheiro, contando-se a diaria de uma pessoa adulta com 300 a 480 réis, segundo a localidade e os preços correntes na mesma, e com 3/5 ou 2/3 desta quantia pelas crianças.

Ade art.º 30 - O donativo fica totalmente suprimido e revogado, ficando substituído, e isto só em referencia aos realmente indigentes e necessitados, por adiantamentos, a reembolsar sem juros dentro de oito annos, pagando-se 1/5 nos fins do quinto, sexto e septimo, e 2/5 no fim do oitavo annos. - E' porem necessario publicar, na Europa sobre tudo, esta alteração afim de que nenhum imigrante d'ora em diante possa reclamar este favor. Resultará d'ahi consideravel economia de dinheiro, o qual melhor seria empregado nas vias de communica-

ção e outros urgentes serviços. Ade art.º 37 - Este artigo á meu ver, deveria ser totalmente eliminado do Regulamento, e me parece mesmo inconstitucional á certo respeito e inexiquivel em certos casos, sobre tudo quando v. gr. o colono for cidadão. - Excluir quer dizer, desterrar do districto da colonia um individuo sem crime ou delicto provado, e pelo qual deveria ficar punido policial - ou criminalmente, constitue justiça excepcional e põe o colono fora das leis communs e garantias constitucionaes do paiz. Por esta razão este artigo foi amargamente censurado e criticado na Europa e aproveitado pelos detractores e adversarios do Brasil para aterrorisar os imigrantes com o espantallo de que, uma vez entrados n'uma colonia, ficavam sujeitos á regime excepcional e despotico.

Acho ainda superfluo, segundo minhas longas experiencias, este artigo; as leis de paiz, sendo bem applicadas, fornecem sufficientes meios para punir, e, indirectamente sem odiosa excepcionalidade, remover das colonias malfeitoses ou incorregiveis máos sujeitos.

Colonia Blumenau, 11 de Junho de 1870

Dr. Hermann Blumenau

Ao Snr. Doutor Luiz Manoel d'Albuquerque Galvão.

O original foi remetido ao Ministro d'Agricultura em 26 de setembro de 1870 pelo secretario João C. dos Santos.

Segundo Luiz Altenburg (Livro do Centenário de Chegada ao Brasil), o povoado de Itajaí, hoje a bela cidade da foz do rio, contava, em 1857, apenas umas 20 casas e uma igreja. Desde 1833 (12 de agosto), Itajaí já era freguesia, com pároco e juiz de paz.

BLUMENAU E A SUA IMPRENSA

XCIX

“BOLETIM MENSAL DO KENNEL CLUBE DE STA. CATARINA”

Em papel, formato almaço, mimeografado, apareceu em junho de 1963 o primeiro número do boletim mensal do Kennel Club de Sta. Catarina. Esta associação fundada em Blumenau a 14 de maio de 1952, foi considerada de utilidade pública por leis do Estado e do município e realizou a sua primeira exposição a 26 de outubro do mesmo ano de sua criação. Nos anos seguintes continuou realizando, aqui e em outras cidades do Estado, exposições cinófilas com grande repercussão nos centros interessados nesse gênero de atividade, publicando catálogos e programas com valiosas informações, quer quanto as atividades da associação, quer quanto às técnicas de criação, educação, e desenvolvimento de cães de raça. Não podemos dizer por quanto tempo foi distribuído o seu Boletim Mensal. Conhecemos várias edições até fins de 1964. O Arquivo Municipal conserva alguns exemplares.

XCV

“COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE BLUMENAU”

Em fevereiro de 1963 editou-se o primeiro número de outro jornal que teve duração muito efêmera. Impresso nas oficinas de “Cidade de Blumenau” era de formato 33 x 48cm., com clichês em côr diferente da composição, 8 páginas. Foi seu diretor Reynaldo Ferreira e gerente Reynaldo Vieira. Tinha redação e administração à rua Goiás 437. As quatro páginas interiores do nº 2, (9 de fevereiro) são dedicadas a publicação do relatório do Prefeito Municipal Hercílio Deeke, sobre o segundo aniversário da sua administração. Interessantes ilustrações. Não sabemos se a publicação desse órgão foi além desse segundo número.

XCVI

“BELA VISTA COUNTRY CLUB”

Boletim Informativo

Em abril de 1963, a Diretoria do Bela Vista Country Club, pouco antes fundado, nos limites do município de Blumenau e Gaspar, já no território deste, resolveu a publicação de um Boletim Informativo, de distribuição exclusiva aos sócios. Essa publicação aparecida no formato 24 x 32,5cm. numa só fôlha, impressa só de um lado, destina-se a pu-

blicação de todo movimento social, determinações da diretoria, reuniões, serviços realizados na sede magnificamente situada à margem de Itajaí Açu e outros assuntos a ela ligados.

Os primeiros 24 e o número 29, foram impressos, como o inicial, numa só folha de papel, os demais 27, 28 e de 30 até 55 o foram em formato menor (16,5 x 22cm) geralmente com 6 páginas.

Sendo uma das Sociedades mais prestigiosas de Blumenau, conta o B.V.C.C. com grande número de associados nesse e em vários outros municípios catarinenses de sorte que o "Boletim" tem boa divulgação. Até fim de 1970, já haviam sido publicados 55 edições, geralmente bimestrais. Sem indicação de responsáveis e de editora.

XCVII

"O ACADÊMICO"

O segundo jornalzinho dêsse nome surgiu em maio de 1963, como órgão de divulgação dos alunos do 1º ano Clássico do Colégio Estadual Pedro II, de Blumenau e da "Academia Literária Rui Barbosa". Esta, fundada em março do mesmo ano, tinha como presidente Henry O. Grottmann e como chefe do Departamento de Imprensa e orador oficial Luiz Antônio Soares, nome que tem tido e continua a ter marcante e brilhante interferência em vários órgãos da imprensa regional. O primeiro número, bem como os demais, mimeografados, trazia colaboração variada e desenhos de Bráulio Schloegel. A direção estava a cargo de Luiz Antônio Soares, com a colaboração de vários membros da Academia. Já no nº 2, aparecido em outubro, teve a direção de Otávio Cesário Pereira Neto, a redação de Francisco Moacir dos Santos, com desenhos de Roberto Gomes. O nº 3, publicado em julho de 1964, teve como redator Bráulio Schloegel e diversos colaboradores. Com muitas ilustrações devidas ao lápis do primeiro. Parece que desapareceu com êsse terceiro número. Pelo menos, não temos conhecimento de outros.

XCVIII

« ELO »

Em 1963, as alunas do Colégio Sagrada Família, dirigidas pelas Irmãs da Divina Providência, deram à publicidade um pequeno jornal, intitulado «Elo». Formato 23,5 x 32 cm. O primeiro número apareceu em maio, tendo como diretora Lília L. Luciano. Quatro páginas com variada colaboração das alunas do estabelecimento. Era editado mensalmente. Com o número 11, a diretora passa a ser Dirlêne Sgrott que, com o número 16, é substituída por Márcia Murara, em virtude da nova eleição do grêmio estudantil, fundado em 14/8/63. Em setembro de 1966, passa a dirigir o jornalzinho a aluna Maria Luiza Schwanke. Com êsse número, entretanto a publicação desapareceu. O Arquivo Histórico de Blumenau possui tôda a série dêsse jornal.

Longa Peregrinação

HITOSHI NOMURA

Professor Titular da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

Essa longa peregrinação não foi minha, como o título poderia sugerir, mas do famoso livro de Fritz Müller, "Für Darwin" cuja tradução do alemão para o português organizei há alguns anos atrás sob o título "Fatos e argumentos a favor de Darwin".

O meu interesse por essa obra de Fritz Müller foi despertada há muitos anos atrás. Em 1956, quando ingressei no curso de História Natural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tive a oportunidade de ler a biobibliografia do zoólogo do Museu Nacional, Prof. Alípio de Miranda Ribeiro, na qual constava que êle fôra responsável por uma tradução dessa obra, aparecida em 1907-1908 na revista KOSMOS, do Rio de Janeiro. Essa tradução êle a assinara com o pseudônimo *Cryptus*.

A tradução feita por Alípio de Miranda Ribeiro foi por mim auxiliado por duas irmãs, copiada à mão na Biblioteca Municipal de São Paulo, nos dias 23/6/1956, 14/12/56, 2/8/58, 23/8/58, 30/8/58, 1/9/58, e 2/9/58. Havia muitas

imperfeições nessa tradução, inclusive supressão do prefácio, do capítulo décimo-segundo e de dois desenhos. Amigos e colegas meus auxiliaram-me na tradução dessas partes que faltavam, assim como fizeram comparação dela com o original alemão.

Depois de terminada a revisão é que começou a longa peregrinação para encontrar um editor interessado em publicar a tradução.

Antes de submeter a tradução a qualquer editor, tive o cuidado de solicitar à Verlag Gustav Fischer, de Jena, detentora dos direitos autorais dos trabalhos de Fritz Müller, autorização para publicá-la, por intermédio de uma carta datada de São Paulo, 12 de outubro de 1960. A resposta foi afirmativa e é datada de Jena, 18 de novembro de 1960, assinada por Martin & Loser, da qual saliento o seguinte trecho:

Wir bitten lediglich darum, die Übersetzung mit einem Hinweis aus das in unseren Verlag erschienene Originalwerk mit möglichst vollständigen bibliografis-

che Angaben zu versehen", ("Pedimos unicamente indicar na tradução a obra original aparecida em nossa edição, com citação bibliográfica a mais completa possível.")

Primeiro procurei as Edições Melhoramentos, em maio de 1963. Essa editôra só a publicaria se eu financiasse 50% da edição, o que era um absurdo, pois eu não sou editor. Tentei então a Editôra Massao Ohno em 1 de julho de 1963. O Massao se interessou pela publicação, mas queria que eu garantisse a venda em consignação de, pelo menos, metade da tiragem (1500 exemplares). Isso se tornou difícil, pois não conhecia ninguém nesse tipo de mercado.

Em dezembro de 1963, ao passar por Blumenau pela terceira vez, o Sr. José Ferreira da Silva, meu particular amigo, levou-me ao então Prefeito da cidade para ver se conseguia interessá-lo; o esforço foi em vão.

Quando passei a trabalhar para a Estação de Biologia Marinha da Universidade Federal do Ceará, tive a oportunidade de enviar a tradução para a Comissão

Central de Pesquisa dessa Universidade, no dia 24 de junho de 1964, tendo dado entrada na Comissão no dia 13 de julho de 1964, para que um dos seus membros verificasse o custeio da publicação. Durante um ano não tive nenhuma resposta. Foi quando, ao substituir o Diretor da Estação na Comissão, indaguei a respeito do trabalho e só então tive a resposta: que seria onerosa.

Em 1965, pensei em publicá-la como segunda parte do meu livro "Mistérios da vida animal e vegetal". Cheguei a anunciar o livro numa revista, mas como o mercado livreiro não estava bom na ocasião os editôres não se interessaram em publicá-lo. Assim, desisti de publicar tanto o meu livro quanto a tradução do trabalho de Fritz Müller.

Agora, ao passar por Blumenau pela quarta vez, no dia 6 de julho de 1971, conversei novamente com o Sr. José Ferreira da Silva, que me informou haver grandes possibilidades do atual govêrno municipal e das indústrias locais fornecerem a necessária verba para sua publicação. Parece, assim, que a longa viagem da tradução supra vai finalmente terminar.



Antônio Corrêa Pinto chegou ao sertão de Lages, para a fundação de uma povoação, a 22 de novembro de 1766.

A primeiro de janeiro do ano seguinte, deu começo à construção de uma capela de madeira, sob a invocação de N. S. dos Prazeres, no lugar denominado Taipas. Mais tarde, porém, levantou novo templo e assentou a povoação à margem do Rio Caveiras, onde está atualmente.

Um Padre e um Livro

J. Ferreira da SILVA

O cônego Giacomo Vicenzi publicou, em 1904, um livro de algum interesse para os blumenauenses, ou melhor, para o conhecimento do passado da ex-colônia fundada pelo Dr. Blumenau. Não é um livro como o padre poderia ter escrito. Era inteligente, escrevia com alguma correção e desembaraço, mas misturava sempre as suas descrições com divagações fora de propósito, entremeadas de considerações ressumantes de intolerância religiosa. Com isso, deixou para trás o que, hoje, mais nos interessaria. Giacomo Vicenzi nasceu em Pomeranos, no atual município de Timbó. Depois de aprender as primeiras letras na escola da linha colonial em que nascera, matriculou-se, em 1885, no Colégio São Paulo. Era o colégio fundado pelo Pe. José Maria Jacobs, o primeiro vigário de Blumenau, com ensino primário e secundário e cursos de línguas, e com o correr dos anos, transformou-se no nosso atual Colégio Santo Antônio. O padre Jacobs afeiçãoou-se ao rapaz, aplicado e piedoso, e decidiu encaminhá-lo à vida sacerdotal e, já no ano seguinte, mandou-o para o seminário, no Rio de Janeiro, onde êle recebeu as ordens sacras.

Por lá permaneceu, exercendo o seu ministério sacerdotal, chegando à dignidade de cônego do Cabido Metropolitano. Isso contrariou os planos do padre Jacobs,

seu protetor, que pensara em ter o padre Vicenzi na sua paróquia, cuidando da cura das almas da população colonial de origem italiana. Por duas vêzes, o cônego Giacomo Vicenzi veio a Blumenau, depois de sacerdote, para visitar os seus familiares e amigos.

A segunda vez foi em outubro de 1902. Recebera o padre, notícias de que seu velho pai se encontrava muito doente. Queria ainda vê-lo e abraçá-lo vivo. Embarcou no "Itaperuna", da Companhia Costeira; o navio só saiu à barra depois de um longo e irritante atraso. Dois dias depois adentrava o porto de Paranaguá. Da cidade dêsse nome, onde descerá com um dos seus companheiros de viagem, o padre não tivera boa impressão. No dia seguinte, estavam em Santa Catarina. Ligeira descrição da entrada da barra do Norte, que lhe causa viva impressão pela imponência das belezas naturais que a rodeiam. Vem buscá-lo a bordo o sr. Trajano Leite, funcionário do telégrafo submarino e seu antigo condiscípulo no Colégio São Paulo, de Blumenau, que frequentara em 1885. Pouco diz a respeito da capital, onde, além de ter feito alguns passeios e de ter assistido a uma reunião da Conferência de S. Vicente de Paula, aguardou o vapor para Itajaí. Antes de embarcar no "Itapemerim", que o

levaria àquele pôrto teve novas contrariedades. Apesar de terem-no avisado, na agência, que êle deveria estar a bordo até as 9 horas da noite, com os demais passageiros, quando ali chegaram foram avisados de que o vapor só partiria no dia seguinte e não permitiram que nenhum passageiro dormisse no barco. Apesar de ter êste levantado ferros de Florianópolis, às 8 horas da manhã do dia seguinte, somente às 5 da tarde chegava ao pôrto de Itajaí. Veio recebê-lo o negociante Joca Brandão e, pouco depois, também o Sr. Ângelo Rodi. Sôbre êsses dois amigos, o padre tece palavras de muito carinho. Mas, sôbre a cidade mesma, nada diz. Sobe, no dia seguinte, o rio Itajaí no rebocador "Jan". A viagem pelo rio encanta-o, com as suas paisagens maravilhosas, que se transformam depois de cada curva, apresentando sempre novos espetáculos de vardadeiro deslumbramento. O rebocador, servindo também para o transporte de passageiros, era embarcação pequena e levava mais doze pessoas, entre elas o sr. Augusto de Oliveira, companheiro do padre desde o Rio de Janeiro. A viagem, apesar do forte calor reinante, foi alegre e deixou gratas recordações no coração do padre. Na descrição dessa viagem, Vicenzi demora-se por algumas páginas, dando-nos uma idéia de como eram essas viagens, geralmente, nos pequenos vapores da Companhia Fluvial. Dedicar um capítulo inteiro a Blumenau, resumindo o episódio de sua fundação e o sistema adotado na medição, no cultivo dos lotes coloniais, na vida dos colonos e suas principais atividades. A cidade mesma pareceu-lhe muito desenvolvida, com

muitos prédios novos e grandes melhoramentos que, entretanto, nada lhe haviam tirado de sua primitiva beleza e bucólico encantamento. Passou a noite no conventos dos frades franciscanos, e já na manhã seguinte, depois de ter celebrado a missa, partiu de carro para "Pomerstrasse", ou Caminho dos Pomeranos, onde moravam os pais. O caminho entre essa localidade e Blumenau poderia ser feito, mesmo a pé, em 8 ou 10 horas. De carro levava-se geralmente cinco. Mas o padre, devido ao péssimo estado da estrada, depois de chuvas caídas nas vésperas, só chegou ao seu destino às duas e meia da tarde, portanto, mais de dez horas no trajeto. Passando por alto as emoções sentidas com o encontro do seu genitor e irmãos, com o reverdo lar paterno e a aldeia natal, onde haviam transcorrido os anos de sua infância, o padre faz, nos capítulos seguintes, referências aos homens, fatos e ocorrências que mais o impressionaram durante a sua demorada estada em Pomeranos. Há, aí, capítulos de muito interêsse para os que queiram conhecer como se vivia nas colônias italianas de Blumenau, naquêlê comêço do século. Depois de dedicar um capítulo ao seu mestre-escola, outro a Pomeranos, a episódios alegres e tristes de sua infância naquelas paragens; outro a eleições municipais que ali se realizaram, ao comércio, á educação e a instrução, a um passeio á povoação de Ascurra, ao bairrismo alemão, á estação agrônômica, aos usos e costumes dos moradores de Pomeranos, o padre dedica os últimos capítulos do seu livrinho á sua viagem de regresso, que se deu a 27 de Dezembro, daquele mesmo ano, com

partida para Blumenau e, daí, com o pequeno vapor "Blumenau" para Itajaí, donde o "Itapemerin" o transportou para Florianópolis, ali embarcando no "Santos", de volta ao Rio. Como dissemos de início, se o Padre Giacomo Vicenzi tivesse dedicado o seu tempo a uma descrição mais pormenorizada do que vira e no registro dos fatos, tais como êle os observara, sem perder-se em considerações de caráter pessoal,

de cunho religioso, obtidos por um prisma de evidente parcialidade, teria feito um trabalho que nos seria, hoje, extremamente precioso. Mas, mesmo assim, é um livrinho que enfeixa informações muito exatas, de grande valôr para quantos se dedicam ao estudo do passado de Blumenau e dos usos e costumes da nossa gente, naquele longínquo comêço do século em que vivemos.

ARTE RELIGIOSA POPULAR EM SANTA CATARINA

(Curso organizado pelo setor educativo do Museu Nacional de Belas Artes: conferência pronunciada no salão nobre da escola de Belas Artes, em 30.7.1971)

P. RAULINO REITZ

APRESENTAÇÃO - Iniciando esta palestra sôbre a Arte Religiosa Popular em Santa Catarina, que lá floresceu durante meio século, é justo que responda à curiosidade de muitos. Como um botânico nos vem falar de arte? É uma equação de dois pendores natos meus: o gôsto pelas plantas e pela arte, pois ambas elevam.

Em minhas andanças de mais de 350.000 kms. pelo interior catarinense num levantamento fitogeográfico, também carregava com minhas plantas peças de arte para o Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, por mim fundado, no ano de 1960, em Brusque, S. Catarina. Ante os valôres artísticos extraordinários que observava

nas igrejas e sacristias, e cuja destruição era certa, não me contive. Entrei em contacto com os vigários, antigos colegas meus de banco de escola no Seminário, e de suas mãos generosas recebi inúmeras imagens e objetos litúrgicos que são uma autêntica e valiosa representação de arte primitiva, fruto espontâneo de um meio colonial sulbrasileiro.

TEMA DA PALESTRA - Desejo falar-vos de uma coleção de imagens e objetos religiosos expostos no Museu Arquidiocesano de Brusque, produção artística de diversos santeiros das colônias italianas de S. Catarina, fundadas no último quartel do século passado.

ÁREA GEOGRÁFICA - A arte religiosa popular, objeto desta palestra, somente floresceu nas assim denominadas Colônias Italianas. São: Luis Alves, Rodeio, Nova Trento, Urussanga, Criciúma e Nova Veneza. Pouco mais de uma dezena de santeiros proviam as igrejas dessas colônias e vizinhas com imagens e objetos do culto.

Há raras ocorrências de santeiros em colônia polonesa ou açoreana. Os colonos de ascendência germânica, donos de um gosto artístico mais elevado e guiados por vigários bem formados, só admitiam em suas igrejas imagens esculpidas em arte acadêmica, que importavam da Alemanha.

AMBIENTE - Para compreendermos o surgimento desta corrente artística popular reportemo-nos ao século passado, quando em plena Mata Pluvial Atlântica da costa catarinense, foram plantados focos de civilização entre tribos de índios selvagens que continuamente hostilizavam os colonos e depredavam suas propriedades.

Em 1829 o Govêrno Imperial fundou a primeira colônia alemã em S. Catarina: S. Pedro de Alcântara. Após 20 anos, em 1850 surge a colônia de Blumenau, em 1851, a de Joinville e em 1860 a de Brusque. São os três maiores centros industriais de S. Catarina cujos produtos competem em qualidade com os de S. Paulo e Rio de Janeiro, em suas próprias praças.

Por volta de 1875 começaram a afluir para Santa Catarina levas de imigrantes procedentes especialmente do norte da Itália e fundaram as cidades de Nova

Veneza, Urussanga, Criciúma, Orleães, Nova Trento, Rodeio e outras.

Em clareiras na selva foram construídos barracões onde eram alojadas as famílias dos colonos até que cada um recebesse seu lote onde construiria seu rancho com paredes de ripa ou pau a pique coberto de palha. A igrejinha inicial obedecia ao mesmo estilo.

Nessas capelas começaram a ser veneradas imagens toscas feitas a canivete por agricultores italianos sem formação acadêmica. A imagem de Nossa Senhora de Anunciação mais tarde venerada em Içara, com data gravada de 1880, nos dá certeza que a arte começou no início da colônia. Uma lâmpada do Santissimo também é datada de 1880, nem um lustre após a fundação.

Imaginemo-nos lá, por volta de 1880, isolados num imenso manto verde de floresta tropical, numa nova colônia, onde ainda rescendia o perfume das árvores derrubadas, das folhas secas, numa igrejinha de ripa coberta de palha. Ambientemo-nos. Ali vemos, ante toscas imagens primitivas, ajoelhadas dezenas de almas piedosas e contritas a rezarem em latim ou italiano. Longe de se abandonarem ao fatalismo e desespero rezam com fé de quem crê e de quem quer algo. Lá não havia médico, farmácia. Não havendo a quem recorrer em suas angústias corporais e espirituais os colonos se dirigiam aos céus com firme e inabalável esperança de serem atendidos. Quantos olhares de mães marejados de lágrimas não estão ainda estampados nas imagens agora expostas no Museu de Brusque. Os que sofriam da vista não tinham ocu-

listas, mas tinham Santa Luzia para quem recorriam. São Roque era o médico dos portadores de feridas e chagas. Numa peste de gado recorriam a São Sebastião. Quantas donzelas não terão pedido conselho e orientação à Santa Inês e em desilusões amorosas a S. Antônio. Santo Antônio estava aí para resolver os "casos impossíveis" São Luís de Gonzaga guiava os jovens. Santa Bárbara era o refúgio dos mineiros de carvão. Cristo crucificado e sua Mãe Santíssima estavam presentes em todas as igrejas, o que demonstra a genuidade da fé dos colonos.

ÉPOCA - Podemos precisar historicamente a época dos santeiros em Santa Catarina entre 1880 e 1930, portanto numa faixa de 50 anos.

MATERIAIS DAS IMAGENS

Os santeiros usavam diversos materiais a seu alcance para fazerem seus "santos" ou objetos de culto. Na maioria as imagens eram de madeira de cedro ou canela, espécies pertencentes às famílias das Meliáceas e Lauráceas. No entanto também encontrei imagens de argila, de cimento, de cera, de osso e estanho ou chumbo. Os ornamentos das imagens são de latão, de ferro, folha de flandres, de pano, penas, etc.

Os objetos de culto foram um segundo campo de expansão artístico-artezanal dos santeiros. Improvisavam altares, tabernáculos, castiçais, bugias, candelabros, lampadários do Santíssimo, matracas, umbelas, púlpitos, confessionários, porta-bandeiras ou estandartes, etc.,etc.

Todas as igrejas foram providas pelos santeiros. Nada faltou.

ATITUDE DOS VIGÁRIOS VERSUS SANTEIROS - Por via de regra os artistas da colônia tinham franco acesso às igrejas

Mas nem sempre era pacífica a colocação de uma imagem no altar. Por vezes a imagem não atendia ao gosto artístico do Vigário, ou às vezes o santeiro não lhe era simpático. O Cônego Miguel Giacca, vigário de Nova Veneza, não gostava das imagens do santeiro Leto (Ângelo Moro: 1866 - 1945). Como pretexto dizia serem defeituosas e refugava todas. Uma imagem de Santo Antônio, por sinal horrível para um gosto acadêmico, da autoria de Leto não foi aceita no altar por ter "Pescoço comprido". Esta guerra com o vigário foi para Leto uma tragédia emocional que repercutiu profundamente em sua vida religiosa e psíquica e na de sua família. Sem embargo, outras igrejas adquiriram suas imagens. No entanto vivia amargurado, afastado até dos sacramentos, por não se poder realizar em sua própria terra como artista.

SANTEIROS - 1 ÂNGELO MORO (Leto), 1866-1945. Italiano de nascimento, imigrou para o Brasil em 1891 estabelecendo-se na Colônia de Nova Veneza. É autor do famoso Crucificado localmente conhecido por "Cristo Grande" com um corpo de 1.70 m e cruz de 3,60 m que está ainda em veneração num oratório próximo à Nova Veneza. São de sua autoria a imagem de São José, feita em madeira, de Santo Antônio de Pádua (do "pescoço comprido" já referido) e mais 9 outras.

2. PEDRO MAGAGNIN - Residia em Criciúma. É autor do famoso Santo Agostinho, imagem

triangular, que sem dúvida, é a peça mais original da Seção de Arte Religiosa Primitiva do Museu Arquidiocesano. Foi executada num taboão de cedro com 4 cm de espessuras, em forma triangular. No ângulo superior acha-se a cabeça e nos 2 ângulos de baixo estão fixas as mãos. Mede 0,56 m de altura por 1,13 m de largura. Foi entronizada no altar de Rio Maina, em 1915. Nas costas le-se o escrito a lápis "Fato da Pietro Magagnin dal 1915..."

Cônego Huberto Oenning, Vigário atual de Criciúma, conseguiu dos descendentes de Magagnin história do aparecimento desta imagem original o que tira o veu de uma luta que se travou entre o vigário e o homem forte da colônia.

O padroeiro da primeira igreja de Rio Maina (hoje paróquia) seria São Miguel, em homenagem ao padroeiro celeste do sr. Miguel Napoli, diretor da Companhia Carbonífera Metropolitana. Entrementes se desacertaram o sr. Miguel e o Vigário Padre Mano. Consequência: o sino e a imagem de S. Miguel foram doados pelo sr. Napoli à igreja próxima de São Martinho. O Pe. Mano, por sua vez, determinou que o padroeiro de Rio Maina seria Santo Agostinho. Assim, como que de improviso, foi esculpida a imagem triangular de Santo Agostinho, de concepção muito avançada para a época, que considero uma das peças mais valiosas do nosso Museu.

3. JOSÉ FRASSETO (Canória ou Beppi Frasseto) - Santeiro mais conhecido por Canória, vivia não longe de Urussanga. A sua peça melhor é a imagem de São Roque, esculpida em madeira

no ano de 1891. Era venerada na igreja Matriz de Siderópolis. Foi levada ao Museu Arquidiocesano em 1952.

4. ÂNGELO CATÂNEO - Sua imagem mais interessante é São Miguel, 1915, data inscrita no pedestal da própria imagem. É de madeira e mede 1,05m de altura. São do mesmo autor as imagens de S. Luzia e de Santa Inês, ambas executadas em madeira, em 1915, veneradas em capelas da paróquia de Urussanga. Entraram no Museu Arquidiocesano em 1952.

5. CESARE ZANLUCA - Imigrante em Nova Trento pela volta do século. Dediquei-lhe uma sala no Museu Arquidiocesano onde estão expostas as seguintes peças de sua autoria: Na. Sa. da Piedade, um crucifixo, São Luis e Na. Senhora com o Bambino.

Provavelmente ele é o autor da encantadora imagem de São João Batista que é a representação fiel de um caboclinho. Certamente também são de sua autoria uma imagem de Nossa Senhora proveniente da Capela da Barra do Luis Alves e o Bom Jesus da Itinga, venerado na capela de Itinga da Paróquia de Tijucas.

6. IMAGENS DE AUTORES ANÔNIMOS - Há diversas imagens interessantes no Museu Arquidiocesano cujos autores ainda são desconhecidos. São: Santa Luzia (com vestido de pano), Santa Augusta, Nossa Senhora do Carmo (rosto de índio maia), Cabeça de Cristo, proveniente da igreja Matriz de São Francisco do Sul, Nossa Senhora do Caravaggio (de argila), Nossa Senhora da Glória (de cera).

QUADROS - A arte pictórica, embora menos rica, é também representada na arte Religiosa Po-

pular de Santa Catarina. Na igreja Matriz de Urussanga foi buscar dois interessantes quadros a óleo de pouco mais de metro de altura, representando o Batismo de Jesus (estava no batistério) e São Sebastião, ambos pintados em 1891 pelos irmãos Sebastiano e Luigi Bez Fontana. Uma linda Via Sacra da autoria de Eduardo Dias foi recebida da Igreja do Saco dos Limões, da ilha de Santa Catarina.

OBJETOS LITÚRGICOS - Os santeiros fabricavam também móveis, objetos e vasos litúrgicos, como lâmpadas do Santíssimo em madeira, lustres de folha de flandres, confessionários, cômodas de sacristia, altares, oratórios, nichos, batistérios, porta-estandartes, cruzes processionais, cruzes da Paixão, navetas, castiçais, candelabros, matracas, umbelas, etc.

Na Capela e Sacristia do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim estão expostas cerca de uma centena de peças onde se observa a rica fantasia dos nossos Santeiros.

DOADORES DAS PEÇAS - Encontrei muito boa vontade e compreensão junto aos Revdos. Vigários que prazerosamente atenderam meu apelo e doaram as imagens e objetos litúrgicos ao Museu Arquidiocesano. Lembro os nomes destes grandes benfeitores do museu. São: Dom Wilson Laus Schmidt, Mons. Agenor Neves Marques, Cônego Huberto Oening, Cônego Hercílio Cappeller, Padre Gregório Dalmonte, Pe. Carlos Enderllin, Pe. Oscar Malmann S. J., Mons. Augusto Zucco, Mons. José Locks, Pe. Francisco de Sales Bianchini, Cônego Roberto Wirobeck, Pe. Agostinho Staehelin, Pe. Quinto Baldessar, Cônego Ha-

milcar Gabriel, Cônego Estanislau Czizevski, Cônego Bernardo Junkes e Pe. Ernesto Pretti.

Foi muito oportuno o meu interesse em reunir essa valiosa coleção de peças religiosas de arte primitiva, única no gênero no país nas décadas de 50 e 60. Hoje desapareceu tudo da colônia pois com a abertura do Museu Arquidiocesano em 1960 e a exposição ao público das peças, desencadeou-se de tal forma a cobiça dos comerciantes de antiguidades que varreram literalmente o interior catarinense, comprando por preço irrisório as peças para serem vendidas nos grandes centros de comércio de antiguidades.

CONCLUSÃO -

Sinto-me realmente contente em ter resebido o honroso convite da sociedade amigos do Museu Nacional de Belas Artes para proferir esta palestra.

Os santeiros das colônias italianas implantadas no interior catarinense prosperaram durante meio século entalhando imagens em madeiras locais e fabricando objetos e móveis para o culto nas toscas igrejas numa manifestação artística espontânea com todas as características de rusticidade. Delinearam suas imagens de acordo com seus recursos de fantasia.

O ambiente fechado de uma colônia vedava-lhes recorrer a artificios estranhos. Eram guiados unicamente pela própria fantasia e religiosidade.

As imagens e objetos de culto expostos no Museu Arquidiocesano Dom Joaquim em Azambuja, cidade de Brusque, representam, pois, uma autêntica arte religiosa primitiva surgida no interior do Brasil



Colaboradores em Destaque

No clichê, vêem-se o nosso prezado colaborador, Fernando Muller (blumenauense de 93 anos de idade) atualmente em S. Antônio da Platina, Pr., em companhia de sua filha Waltrudes Schneider, seu primeiro neto Helmuth Schneider (já falecido), sua primeira bisneta Elzira Georg e sua primeira trineta Ione Georg. O sr. Fernando Müller, descende de Carlos Müller e Wilhelmina Muller, dos primeiros colonos blumenauenses. Apesar de sua idade avançada, continua mandando suas memórias para "Blumenau em Cadernos".

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 10,00 —

Caixa Postal, 425 - 89 100 - BLUMENAU - Santa Catarina - Brasil

Emprêsa Industrial

Garcia S.A.

BLUMENAU - ESTADO DE SANTA CATARINA

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906 — Garcia

Enderêço Telegráfico: "GARCIA" - Caixa Postal, 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E BANHO

TOALHAS DE MESA - PANO DE COPA

LENÇOS - ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS

CRETONES E OUTROS TECIDOS

CREMER S/A.

Produtos Têxteis e Cirúrgicos

BLUMENAU - Rua Iguaçú, 291/362 - Santa Catarina

Caixa Postal, 953 - Fone 22-1066



Gazes e Ataduras Medicinais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para bebês

Faixas Higiênicas para senhoras

Artigos de Primeira Qualidade.